

Iraque e Eritréia detêm recorde mundial de jornalistas desaparecidos

claudio_tognolli

Claudio Tognolli

30 de agosto de 2015



Imagen: Thinksstock

30 de agosto é o Dia Internacional das Vítimas de Desaparecimentos Forçados. E, bem neste domingo, a entidade Repórteres Sem Fronteiras, com sede em Paris, remeteu carta de protesto aos presidentes do Grupo de Trabalho da ONU sobre Desaparecimentos Forçados e Grupo de Trabalho da ONU sobre Detenção Arbitrária.

Repórteres Sem Fronteiras remeteu a este blog, neste domingo, cópia da carta enviada aos presidentes destes dois grupos de trabalho, da ONU, Ariel Dulitzky e Seong-Phil Hong. Assinada por seu secretário geral, Christophe Deloire, a carta dos Repórteres Sem Fronteiras pede reabertura de investigações sobre o sumiço de jornalistas em dez países, acusados de quebrarem regras internacionais de cidadania ao cruzar os braços sobre o paradeiro destes profissionais de imprensa

Os casos citados na carta incluem os de nove jornalistas desaparecidos no Iraque desde o ano passado, e 11 jornalistas eritreus, dos quais não houve nenhuma notícia desde 2001.

Diz a carta que os México e Colômbia são próceres em desaparecimentos por conta do crime organizado e violência política. “Mas há governos que mantêm jornalistas incomunicáveis em locais secretos por meses ou anos a fio. Este é o caso na Síria, Eritreia, Líbia, Irã e Turcomenistão”, diz a carta

“Os desaparecimentos forçados são a consequência de atos criminosos que violam direitos humanos - o direito à vida, o direito à liberdade eo direito ao devido processo legal”, disse Deloire na carta. “A violência e os crimes contra jornalistas constituem ataques não só contra as vítimas, mas também contra a liberdade de expressão, o direito de informar e seu corolário, o direito de receber informações.”

Conheça os casos:

María Esther Aguilar Cansimbe (México), desaparecida desde 2009

María Esther Aguilar Cansimbe está sumida México desde 11 de Novembro de 2009. Um residente de Zamora (no estado sudoeste de Michoacán), ela trabalhou para o jornal El Diario de Zamora e o jornal Cambio em todo o estado, nos últimos quatro anos, cobrindo crime e o trabalho da polícia. No dia de seu desaparecimento, ela deixou sua casa depois de receber um telefonema misterioso e não foi vista desde então. Pouco antes de desaparecer, ela cobriu um caso de abuso de autoridade envolvendo o chefe da polícia local. O cartel criminoso La Familia tinha também a assediado, a acusando conexão com detenções de dois de seus membros. Cinco anos após o seu desaparecimento, o caso é arquivado. A investigação pelo escritório do promotor

especial para crimes contra a liberdade de expressão não fez nenhum progresso.

Borja Lázaro (Colômbia), desaparecido desde 2014

O fotógrafo freelance espanhol Borja Lázaro desapareceu em 8 de Janeiro de 2014 no Cabo de Vela, uma aldeia no nordeste da Colômbia, no departamento de La Guajira, onde ele tinha feito uma série de foto-reportagens sobre as culturas indígenas. Como ele desapareceu em uma região de tráfico de droga dominado por “Bacrim” –onde gangues de criminosos têm suas origens no movimento paramilitar. As autoridades colombianas e espanholas começaram a investigar o caso em 23 de janeiro 2014, mas, mais do que um ano e meio depois, não fizeram qualquer progresso significativo.

Prageeth Ekneligoda (Sri Lanka), sumido desde 2010

Prageeth Ekneligoda, analista e cartunista crítico do governo (então controlado pela família Rajapaksa) desapareceu depois de deixar o escritório do site da Lanka E-news em Homagama, perto de Colombo, em 24 de Janeiro de 2010. As autoridades do Sri Lanka não tentaram encontrá-lo.. Em 2011, a Repórteres Sem Fronteiras e Cartooning for Peace lançou uma campanha internacional para chamar a atenção para o caso.

Cinco anos após o seu desaparecimento, o caso foi reaberto na sequência da eleição de Maithripala Sirisena, como presidente, em janeiro de 2015. Dois ex-membros da inteligência Tamil Tiger, um oficial do exército do Sri Lanka e quatro soldados foram presos em 24 de agosto. Dois membros dos Tigres Tâmeis confessaram o sequestro de Prageeth.

Ahmed Rilwan (Maldivas), desaparecido desde 2014

Ahmed Rilwan, um jornalista que trabalhava para o jornal on-line independente Minivan News, foi dado como desaparecido em Maldivas em 8 de agosto de 2014, poucos dias depois de escrever sobre ameaças de morte contra ele

e outros jornalistas. Com apenas 28 de idade, ele cobriu principalmente questões religiosas, política e meio ambiente. Ele foi visto pela última vez no terminal da balsa Hulhumal, na capital. Várias testemunhas disseram que uma pessoa que preenchia sua descrição foi raptada e forçada a entrar em um carro. A polícia prendeu três suspeitos em setembro de 2014. Desde então, a investigação não avançou. Em vez disso, a polícia tentou intimidar sua família e apoiantes, e impediu uma coletiva de imprensa a ser realizada em 08 de julho de 2015 sobre o estado da investigação.

Pirouz Davani (Irã), desaparecido desde 1998

Pirouz Davani, o editor do jornal Pirouz, desapareceu, aos 37 anos, em 25 de agosto de 1998. Ele tinha sido um membro da Toudeh (um partido comunista pró-soviético) na década de 1980 e, como tal, foi detido durante sete meses em 1982. Ele também foi preso por oito meses em 1989 para a publicação de artigos contendo entrevistas com as famílias dos prisioneiros executados.

Seu desaparecimento ocorreu em um momento escuro da história recente do Irã, quando muitos intelectuais e opositores do governo foram assassinados. Em 28 de Novembro de 1998, o diário Kar-e-Karagar relatou rumores de que ele havia sido “executado”. Akbar Ganji, jornalista Sobh-e-Emrouz que investigou o caso, informou no final de Novembro de 2000, Davani na verdade havia sido assassinada e ele implicado Mohseni Ejehi, um mulá próximo ao líder supremo Ali Khamenei, que foi procurador do tribunal clerical especial. Desde então, Ejehi ocupou os cargos de ministro da inteligência e do Procurador-Geral e é atualmente No. 2 no Ministério da Justiça, da qual ele é o seu porta-voz. O sistema judicial iraniano não investigou o desaparecimento de Davani.

Sofiane Chourabi e Nadhir Ktari (Líbia), desaparecido desde 8 de setembro de 2014

Sofiane Chourabi e Nadhir Ktari, jornalistas tunisinos que trabalham para a Primeira TV, foram dados como

desaparecidos em 8 de Setembro na Líbia, onde tinham ido para fazer um relatório sobre a situação na região da fronteira Tunísia e a Líbia. Eles foram vistos pela última vez perto de Ajdabiya. Uma filial Estado islâmico disse ter emitido um comunicado em janeiro dizendo que eles haviam sido executados, mas isso não foi imediatamente confirmada.

O governo baseado em Tobruk, que é reconhecido pela comunidade internacional, anunciou no final de Abril 2015, que sete jornalistas, incluindo Sofiane e Nadhir, tinha sido assassinado por membros de grupos armados na Líbia. Os outros nomeados foram cinco jornalistas que trabalham para Barqa TV da Líbia - um cameraman egípcio (Mohamed Galal) e quatro líbios (Khaled Al-Subhi, Younès Al-Mabrouk, Abdussalam Al-magrebina e Youssef Al-Qamoudi).

Como nenhuma evidência tangível já tenham sido produzidos em apoio deste anúncio, Repórteres Sem Fronteiras escreveu a Bernardino León, o representante especial do secretário-geral das Nações Unidas na Líbia, pedindo uma investigação independente ao abrigo da Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas 1738, de Dezembro de 2006, a Genebra Convenções e seus três protocolos adicionais. Em várias conferências de imprensa e manifestações de apoio das famílias dos dois jornalistas, Repórteres Sem Fronteiras também instou as autoridades tunisinas e os protagonistas do processo de transição na Líbia para lançar luz sobre o seu desaparecimento.

Pelo menos nove jornalistas (Iraque), desaparecidos desde 2014

Mais de 20 jornalistas foram seqüestrados no norte do Iraque desde Estado Islâmico começou sua ofensiva há em junho de 2014. Alguns foram mortos, enquanto outros acabaram por ser libertados. Mas não há nenhuma notícia sobre o destino de pelo menos nove dos jornalistas detidos pelo Estado Islâmico.

Desde Estado Islâmico começou sua ofensiva, os repórteres pararam cobrindo algumas das regiões do Iraque. Estado islâmico está travando uma guerra estratégica contra o exército iraquiano e os seus aliados, mas está ciente da importância da informação e propaganda e, como resultado, ele deliberadamente como alvo jornalistas, acusando-os de colaborar com o regime iraquiano ou prestação de informações ao mundo exterior.

Nazım Babaoğlu (Turquia), sumido desde 1994

Um jovem correspondente do jornal pró-curdo *Özgür Gündem* na cidade do sudeste de Urfa, Nazım Babaoğlu desapareceram sem deixar rastro em 12 de março 1994, depois de voluntariado para ir para a pequena cidade de Siverek em resposta a um convite misterioso para o jornal. Ele estava esperando para informar sobre as atividades dos “guardas de aldeia”, milícias pró-governo que estavam notório por seu uso de violência. Ele nunca voltou. Nenhuma investigação crível foi realizado nos 21 anos desde seu desaparecimento .Trabalhandi para o jornal *Özgür Gündem*, Nazim era extremamente perigoso no auge dos combates entre as forças governamentais e os rebeldes curdos do PKK levaram-na década de 1990. O caso de Babaoğlu é típico da impunidade que continua a reinar para os crimes em massa cometidos naquela época, incluindo os assassinatos de uma vintena de jornalistas. Embora os detalhes dos métodos repressivos usados para combater o movimento nacional curdo são agora bem conhecidas, a justiça nunca se materializou. A impunidade é agora garantido por um estatuto de limitações sobre assassinatos não resolvidos de 20 anos.

“Chefe” Ebrima Manneh (Gâmbia), desaparecido desde 2006

Um repórter do pró-governo jornal *The Daily Observer*, “chefe” Ebrima Manneh está desaparecido desde 7 de julho de 2006, quando foi preso pela Agência Nacional de Inteligência (NIA) por razões pouco claras logo após o fim de uma cúpula da União Africano em Banjul . Em abril de

2009, então ministro da Justiça Marie Saine Firdaus-negaram qualquer papel do governo no seu desaparecimento. Mas uma semana depois, um policial disse que tinha visto Manneh em notório Mile Two prisão de Banjul em 2008. Presidente Yahya Jammeh disse em março de 2011: "Deixe-me deixar muito claro que o governo não tem nada a ver com a morte ou o desaparecimento de Chief Manneh. "Repórteres Sem Fronteiras nunca considerou-o como morto. Ele ainda aparece na lista de jornalistas presos do site de Repórteres sem Fronteiras

Onze jornalistas (Eritreia), sumidos desde 2001

Em setembro de 2001, quando os olhos do mundo estavam fixos nos Estados Unidos e no Afeganistão, tudo mudou de repente na capital da Eritreia de Asmara. Onze jornalistas foram presos em uma série de ataques e foram detidos ilegalmente por vários meses antes de serem transferidos para locais desconhecidos. Ninguém na Eritreia nunca ouviu falar seus nomes mencionados, desde aquele momento, quase 15 anos atrás. O governo da Eritreia se recusa a dizer se eles ainda estão vivos e, em caso afirmativo, onde estão sendo realizadas. Dando-lhes acesso à justiça é claramente fora de questão. De acordo com as informações obtidas por Repórteres Sem Fronteiras, apenas quatro deles ainda estão vivos - Dawit Isaak, Seyoum Tsehay, Amanuel Asrat e Temesgen Gebreyesus. O paradeiro continua desconhecido.